

O poeta-pedagógico e o crítico-missionário: notas sobre a poética de Mário de Andrade

Ms. Núbia Silva dos Santos¹ (UFU)

Resumo:

O projeto estético-pedagógico de Mário de Andrade já se esboça desde Paulicéia desvairada (1922), em que o poeta, no “Prefácio interessantíssimo”, embora impregnado do espírito combativo e até destruidor das vanguardas européias e do grupo de 22, já apresentava inquietações em relação ao compromisso do escritor/artista/intelectual face às propostas de uma “arte nova brasileira”. Esse projeto percorre a sua obra como fio condutor que passa por toda sua produção poética, traçando uma espécie de itinerário – fio condutor coerente, apesar de repleto das contradições vivenciadas pelo poeta, consciente de seu papel como artista, de sua arte comprometida com a humanidade. Em outras palavras, a proposta dessa comunicação é investigar na poesia de Mário de Andrade algumas ambivalências que marcaram a produção do escritor, dilacerado pela tarefa pedagógica, pelo sacrifício (como sempre ele mesmo dizia) do poeta em benefício do crítico-missionário.

Palavras-chave: Mário de Andrade, Projeto estético-pedagógico, Modernidade, Poesia, Nacionalismo.

Introdução

A Mário de Andrade Ausente

*Anunciaram que você morreu.
Meus olhos, meus ouvidos testemunharam:
A alma profunda, não.
Por isso não sinto agora a sua falta.*

*Sei bem que ela virá
(Pela força persuasiva do tempo).
Virá súbito um dia,
Inadvertida para os demais.
Por exemplo assim:
À mesa conversarão de uma coisa e outra.
Uma palavra lançada à toa
Baterá na franja dos lutos de sangue.
Alguém perguntará em que estou pensando,
Sorrirei sem dizer que em você
Profundamente.*

*Mas agora não sinto a sua falta.
(É sempre assim quando o ausente
Partiu sem se despedir:
Você não se despediu.)*

*Você não morreu: ausentou-se.
Direi: Faz tempo que ele não escreve.
Irei a São Paulo: você não virá ao meu hotel.
Imaginarei: Está na chacinha de São Roque.*

*Saberei que não, você ausentou-se. Para outra vida?
A vida é uma só. A sua continua
Na vida que você viveu.
Por isso não sinto agora a sua falta.*

*Manuel Bandeira
(Belo Belo)*

Abrimos esse texto com a poesia-homenagem de Manuel Bandeira ao amigo Mário de Andrade, por entendermos ser essa uma maneira de atualizarmos/revivermos por intermédio da Literatura, do seu estudo e das discussões em torno dela, as formas de criação literária de autores da relevância de Mário de Andrade. Afinal, Mário de Andrade continua vivo **na vida que viveu**. Viveu pela arte, pela arte e cultura brasileira, entendendo-a como algo que desde seu nascimento é social. Talvez por isso, o polígrafo e musicólogo brasileiro tenha de maneira consciente feito o sacrifício de sua própria arte, a fim de se exprimir em brasileiro. Mário afirmava e reafirmava que:

A arte tem de servir. Venho dizendo isso há muitos anos. É certo que tenho cometido muitos erros na minha vida. Mas com a minha **arte interessada**, eu sei que não errei. Sempre considerei o problema máximo dos intelectuais brasileiros a procura de um instrumento de trabalho que os aproximasse do povo. Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início, às pesquisas de uma maneira de exprimir-me em brasileiro. Às vezes com **sacrifício da própria obra de arte**. (ANDRADE, 1983, p.105).

O projeto estético-pedagógico de Mário de Andrade já se esboça desde *Paulicéia desvairada* (1922), em que o poeta, no “Prefácio interessantíssimo”, embora impregnado do espírito combativo e até destruidor das vanguardas européias e do grupo de 22, já apresentava inquietações em relação ao compromisso do escritor/artista/intelectual face às propostas de uma “arte nova brasileira”. Esse projeto percorre a sua obra como fio condutor que passa por toda sua produção poética, traçando uma espécie de itinerário – fio condutor coerente, apesar de repleto das contradições vivenciadas pelo poeta, consciente de seu papel como artista, de sua arte comprometida com a humanidade. Em *outras palavras*, a proposta dessa comunicação é investigar na poesia de Mário de Andrade algumas ambivalências que marcaram a produção do escritor, dilacerado pela tarefa pedagógica, pelo sacrifício (como sempre ele mesmo dizia) do poeta em benefício do crítico-missionário.

Em *O movimento modernista* (2002), Mário aponta como característica da realidade imposta pelo modernismo a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira, e a estabilização de uma consciência criadora nacional.

De acordo com Telê Porto Ancona Lopez (1996), a personalidade do intelectual estudioso que era Mário de Andrade, dotado de grande cultura e sempre lutando contra a alienação, na medida de suas possibilidades de análise, certamente lhe conferiu o bom senso de examinar com cautela as sedução do seu tempo.

O crítico Antonio Candido, numa resenha sem título, publicada na revista *Clima* em 1942, examinando o volume *Poesias*, de 1941, ressalta o poeta complexo que é Mário e apresenta *Poesias* como obra representativa de um balanço em toda a atividade poética de Mário de Andrade, observando por meio desse balanço a grande coerência manifestada cada vez com mais precisão na maneira poética do escritor. Segundo Candido, esta maneira poética é fruto da aventura do homem Mário de Andrade através da sua concepção do mundo, do homem e do objeto próprio da poesia. Isso porque a poesia para esse *artífice* é uma aventura de descobrimento, e isso se explica pelo fato da poesia desse poeta ser construída, ser fruto de um trabalho criador, visto que ele não se submete às emoções que lhe vêm de fora, mas identifica-se com o objeto numa ação consciente sobre o ma-

terial de investigação, de produção. Candido diz que em Mário de Andrade o dado das emoções é dominado, pensado, dirigido. É uma esplêndida atitude de criador, de quem quer que a virtude criadora do homem seja o elemento significativo da criação. Uma atitude, aliás, que reflete a sua concepção de vida, e que o leva a fazer a sua poesia da mesma maneira por que faz o seu destino.

Antonio Candido prossegue apontando Mário como um poeta de vários aspectos, várias maneiras e vários temas. Devido à importância da esquematização feita pelo crítico, vamos citá-lo para melhor apresentar essa discussão:

Este descobridor construtivo é um poeta de vários aspectos, várias maneiras, e vários temas. O seu primeiro aspecto é o do poeta folclórico, fazendo a sua poesia se nutrir de lendas, casos e assuntos do nosso povo. É principalmente o poeta do *Clã do Jabuti*, que deixa uma marca perene no poeta posterior. O segundo, é o do poeta do cotidiano – que constrói a sua poesia com os dados da vida de todo o dia, dados que são transfigurados e servem de ponto de partida para as suas mais belas aventuras poéticas. É já grande parte de *Paulicéia desvairada*, é o *Losango Cáqui* e é muito do *Remate de Males*. Vem depois o poeta de si mesmo: o homem que dá mergulhos no fundo das suas águas e procura aprisionar com fios tenuíssimos as coisas inefáveis que viu por lá. É o poeta espalhado por todo o “Remate”, pelo “Grão Cão”, pelo “Gira-sol da Madrugada” e pelo “Livro Azul”. Ao lado deste, e sempre agarrado a ele, está o poeta *eu mais o mundo*. E há enfim o poeta que procura novos meios de expressão para a sua aventura. [...] As suas maneiras são sobretudo três: A maneira de guerra, presente de modo especial em *Paulicéia desvairada*, e que representa a sua função dentro do modernismo. A fase de *encantamento rítmico*, mais concessiva às sugestões populares, cheia de *trouvailles* e de virtuosismos saborosos. A maneira despojada, que baixa o tom, esquece o brilho e busca o essencial com a respiração presa. [...] Quanto aos temas, a sua variedade escapa a qualquer enquadramento. O mais que se pode dizer é que há três ou quatro que chamam sobretudo a atenção: o tema Brasil; o tema do conhecimento amoroso (e do amor falhado); o tema do autoconhecimento e da conduta em face do mundo (CANDIDO, 1994. p. 136 e 137, grifos do autor).

Aqui apresentamos os estudos iniciais sobre a obra poética de Mário de Andrade. No desenvolvimento desse trabalho nossa pesquisa se centrará mais especificamente na investigação de dois desses temas: o tema “Brasil” e o tema da “conduta em face do mundo”. Por meio de uma leitura analítica exaustiva da obra poética de Mário de Andrade, procuraremos verificar de que maneira e em que medida esses dois temas encontram-se presentes nos poemas do autor, no intuito de, nesse estudo, encontrar o fio condutor do projeto estético-ideológico de Mário. Pensando nesse Mário que Candido nos apresenta, “um poeta múltiplo sem ser dispersivo” (1992, p.212), tencionamos desvelar, se possível for, ou na medida do possível, as máscaras que se sobrepõem na produção lírica desse poeta múltiplo, buscando, assim, a unidade na diversidade — dos aspectos, maneiras e temas, constitutivos de seu projeto estético-ideológico.

O tema do Brasil e da conduta em face do mundo se imbricam e ainda implicam uma outra possibilidade de exploração da poesia de Mário, a que considera sua poesia como elemento constitutivo de exploração do seu “eu”, como esclarece Lafetá (1986, p.8):

Se a poesia de Mário de Andrade constitui uma exploração do seu “eu” e conta [...] “a história de um homem multiplicado que procura encontrar-se a si mesmo” (e isso explicaria a sua pluralidade de temas e técnicas), ela constitui também uma tentativa de explorar a multiplicidade as determinações sociais da pluralidade). O movimento é simultâneo e solidário: a busca da identidade nacional (enredada como veremos nos interesses da classe a que pertence o escritor) liga-se “ao problema mais íntimo da descoberta da *própria* identidade”. (LAFETÁ, 1986. p.08).

Em recente estudo sobre a obra *Lira paulistana*, José Emilio Major Neto (2006) assinala que a lírica de Mário de Andrade parece sempre operar em duas chaves distintas e complementares. De um lado, ela atende aos requisitos da modernidade estética constituída na tradição literária dos países mais desenvolvidos da ordem capitalista internacional. De outro, enfrenta as particularidades culturais típicas de um país na periferia desse universo. País onde o próprio caráter nacional motivava apaixonada discussão nas primeiras décadas do século. Em síntese, sua obra é marcada por um sopro de compromisso com as grandes questões de seu tempo, tanto no âmbito nacional quanto no universal.

Desde a euforia dos primeiros anos do Modernismo até a amargura que acompanha o final de sua existência, desenvolve-se a inquietação criativa e humana que impede a acomodação aos padrões já instituídos e estabilizados pelo próprio Modernismo. Essa inquietação confere a sua produção lírica o aspecto de oscilação muitas vezes surpreendente, pois, de um livro a outro, o tom, a dicção, a temática, as resoluções formais, o registro lingüístico, mudam completamente e apontam para direções muitas vezes opostas e aparentemente contraditórias (MAJOR NETO, 2006, p.13).

Em vista da complexidade da obra poética do autor, consideramos que será imprescindível percorrer a sua correspondência na tentativa de apreender a conformação de seu projeto estético-ideológico na produção poética. Como afirma o crítico Marcos Antonio de Moraes (2007), “a carta, nesse sentido, ocupa o estatuto de crônica da obra de arte. A crítica genética, ao considerar a epistolografia um ‘canteiro de obras’ ou um ‘ateliê’, busca descortinar a *trama da invenção*, o desenho de um ideal estético, quando examina as faces dos processos da criação” (grifo nosso). A importância das cartas de Mário para o estudo de sua obra é algo que Antonio Candido vaticinava já em 1945, um ano após a morte do escritor:

Tenho a impressão de que Mário de Andrade será um dos escritores mais estudados, comentados e debatidos em nossa futura história literária. E é possível [...] que apenas trinta ou quarenta anos depois da sua morte a posteridade consiga traçar, de maneira mais ou menos satisfatória, o perfil literário e humano deste homem cheio de refulhos e máscaras, deste escritor multiplicado. [...] *Para ele, escrever cartas era tarefa de tanta responsabilidade moral e literária quanto escrever poemas ou estudos.* [...] Pode-se dizer que o esforço dominante da sua última fase consistiu em descobrir a maneira por que os seus escritos poderiam mais fácil e eficientemente servir. A publicação das cartas desse período mostrará o papel que teve na formação duma consciência “funcional” da inteligência brasileira (CANDIDO, 1992. p.209, grifo nosso).

O projeto estético-ideológico de Mário de Andrade percorre a sua obra como fio condutor que passa por toda sua produção poética, traçando uma espécie de itinerário — fio condutor coerente, apesar de repleto das contradições vivenciadas pelo poeta que, consciente de seu papel como artista, de sua arte comprometida com a humanidade, almeja uma realidade diferenciada para todos os homens. Em entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa, em 1944, afirma essa convicção:

A arte tem de servir. Venho dizendo isso há muitos anos. É certo que tenho cometido muitos erros na minha vida. Mas com a minha “arte interessada”, eu sei que não errei. Sempre considerei o problema máximo dos intelectuais brasileiros a procura de um instrumento de trabalho que os aproximasse do povo. Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início, às pesquisas de uma maneira de exprimir-me em brasileiro. [...] O artista não só deve, mas tem que desistir de si mesmo. Diante duma situação universal de humanidade como a que atravessamos, os problemas profissionais dos indivíduos se tornam tão reles que causam nojo. E o artista que no momento de agora sobrepõe os seus problemas de intelectual aos seus problemas de homem, está se salvaguardando numa confusão que não o nobilita (ANDRADE, 1983, p.105, 109).

Como podemos ver, Mário de Andrade significa talento, honestidade, trabalho, pois tudo nele é acentuado, fervilha, sai quente de originalidade e vida. Assim, poderíamos dizer que o epíteto de “São João Batista do Modernismo”, com o qual cognomina Manuel Bandeira, lhe serve como uma luva: o “bardo” que abria e anunciava novos caminhos; era também o homem-enciclopédia — um pedaço da história literária do Brasil — que de tudo entendia e por isso opinava sobre tudo. Um homem de múltiplas faces, equilibradas de forma tensa no poeta arlequinal e destacadas pela crítica. O poeta folclórico do *Clã do jabuti*, o poeta do cotidiano de *Paulicéia desvairada* e *Losango cáqui* e o poeta de si mesmo de *Remate de males*, bem como o poeta eu mais o mundo d’*A costela do Grã Cão* e do *Livro Azul*, e o poeta político de *O carro da miséria*, *Lira paulistana* e *Café*, destacadas por Antonio Candido e por Lafetá (1986, p. 7), são faces percorridas por uma face-síntese, do poeta que, no uso que fez da fala do brasileiro e ao colocar em seus versos a língua falada do cotidiano das cidades e das diferentes tonalidades regionais do Brasil, alcança a expressão maior de si mesmo e de seu povo.

Voltando o olhar para o interior do Brasil, Mário procura, nas manifestações populares, os ritmos que traduzam a identidade brasileira ao expressarem o inconsciente de um povo: a sua lírica. Ao recolher o material popular em suas pesquisas e ao moldá-lo por meio do trabalho artístico, o poeta cria os versos do *Clã do jabuti*, confirmando suas idéias sobre a relevância da tradição popular na definição de uma arte brasileira.

Faremos a seguir uma breve análise do poema *Lundu do escritor difícil*, em que a discussão dos temas: “Brasil” e “Conduta em face do mundo” encontra-se presente.

Lundu do escritor difícil

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquizila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar duma vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.

Cortina de brim caipora,
Com teia caranguejeira
E enfeite ruim de caipira,
Fale fala brasileira
Que você enxerga bonito
Tanta luz nesta capoeira
Tal-e-qual numa gupiara.

Misturo tudo num saco,
Mas gaúcho maranhense
Que pára no Mato Grosso,
Bate este angu de caroço
Ver sopa de caruru;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatu!

Eu sou um escritor difícil,
Porém culpa de quem é!...
Todo difícil é fácil,
Abasta a gente saber.
Bajé, pixé, chué, ôh "xavié"
De tão fácil virou fóssil,
O difícil é aprender!

*Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu caçanje!
Você sabe o francês "singé"
Mas não sabe o que é guariba?
— Pois é macaco, seu mano,
Que só sabe o que é da estranja.*
Mário de Andrade (*A Costela do Grã Cão*, 1928)

O poema “**Lundu do Escritor Difícil**” foi escrito em 1928(ano de publicação da rapsódia “**Macunaíma**”) e publicado, em 1947, no livro “**A Costela do Grã Cão**”. Esse poema é composto de cinco estrofes, a primeira de seis(6) versos, a segunda, terceira e quarta de sete versos e a última de oito versos, perfazendo, o poema, um total de 35 versos. Todos os versos são heptassílabos, versos considerados em relação às leis métricas como versos populares por excelência.

Devido à simplicidade e melodia, a redondilha maior é muito freqüente na letra das canções folclóricas e populares. E talvez, por isso, o poeta, polígrafo e musicólogo Mário de Andrade, tenha composto esse “Lundu” com versos de sete sílabas. É interessante observar que se dividíssemos o número total de versos do poema (35) pelo número total de estrofes (05) teríamos como resultado uma composição de cinco estrofes de sete versos cada uma.

Essa observação, aparentemente simples, mostra que esse poema, cheio de ambigüidades, antíteses, metáforas, dentre outros recursos poéticos foi, intencionalmente construído, inclusive em seus aspectos formais, a partir de elementos simples(de nossa origem étnico-cultural) que paradoxalmente(somente para aqueles que desconhecem seu próprio país e sentem-se inadaptados) parecem difíceis.

No título do poema “Lundu do escritor difícil” o poeta apresenta um dos elementos construtores da temática do poema, ou seja, o negro vindo da África, pois, ironicamente, através da palavra “lundu” – que é uma espécie de batuque(dança) de origem africana, em geral de caráter cômico, ele valoriza as diferenças culturais e étnicas presentes no Brasil, bem como a crítica ao escritor que, preocupado com as questões do estrangeiro, tornou-se ,ele mesmo, um estrangeiro – um inadaptado, em seu próprio país. Dessa forma, o que é escrito pelos escritores que pensaram a realidade constitutiva do Brasil são considerados difíceis.

Na primeira estrofe, o poeta diz ser um escritor difícil que causa antipatia aqueles que não entendem o que ele escreve. E adverte, através das antíteses “difícil / fácil” , “luz / escurez” presentes nessa estrofe que o obscuro – o ininteligível , o difícil, só o é para aqueles que desconhecem os elementos constituintes de sua poesia (a do escritor difícil). Temos na palavra “cortina” uma metáfora que caracteriza a obstrução visual daqueles que não conseguem enxergar (entender) a formação - escrita de seu próprio país. As antíteses citadas anteriormente evidenciam a contradição vivenciada pelo intelectual/escritor/leitor brasileiro que com os olhos presos à Europa não consegue entender o escrito brasileiro.

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquizila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar duma vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez

Na segunda estrofe, o termo “cortina” é retomado no primeiro verso, mais uma vez de forma irônica, pois a mesma é constituída pelo “brim caipora” – tecido grosso e rústico que

paradoxalmente foi tecido com “teia caranguejeira”- teia falsa, uma vez que a aranha caranguejeira não produz teia, e “enfeite ruim de caipira”- ruim no sentido de inautêntico. Dessa forma, podemos dizer que essa cortina representa metaforicamente a “experiência de caráter postiço, inautêntico e imitado da vida cultural” daqueles que não conseguiam valorizar a cultura nacional porque estavam presos aos ideais europeus. Esses sabiam e identificavam-se muito mais com as questões européias que com nossas problemáticas. Essa é somente uma possibilidade de leitura porque como o poeta constrói sua linguagem a partir de ambigüidades é “difícil/fácil?” definir com precisão as ironias – críticas que ele vai tecendo.

O eu – lírico desse poema, ainda na segunda estrofe, evidencia o diálogo direto com um interlocutor ao utilizar-se da forma verbal do verbo falar no imperativo “fale”, bem como do pronome de tratamento “você”. O caráter obscuro e inautêntico da visão desse interlocutor, estabelecido pelo eu – lírico, é, mais uma vez retomado, através do verbo “enxerga” e dos substantivos “luz”, “capoeira” e “gupiara”. Temos, nos três últimos versos, dessa estrofe uma alusão à beleza de nossa dança (lundu), de nossa poesia, de nossa mata, de nosso povo e também à riqueza de nossa cultura “tal-e-qual numa gupiara” – região donde se extrai ouro. Parece-nos que o poeta chama à razão o colega que não consegue enxergar e nem tampouco falar (d) as belezas de sua terra natal.

Cortina de brim caipora,
Com teia caranguejeira
E enfeite ruim de caipira,
Fale fala brasileira
Que você enxerga bonito
Tanta luz nesta capoeira
Tal-e-qual numa gupiara.

O poeta propõe ao seu colega a mesma questão proposta por Mário de Andrade a Drummond em carta sobre a questão da cultura e identidade nacionais, ou seja, a necessidade de desprimitivar o país através do abasileiramento do mesmo. Segundo Mário:

O despaisamento provocado pela educação em livros estrangeiros, contaminação dos costumes estrangeiros por causa da ingênita macaqueação que existe sempre nos seres primitivos, ainda, por causa da leitura demasiadamente pormenorizada não das obras – primas universais dum outro povo, mas das suas obras menores, particulares, nacionais, esse despaisamento é mais ou menos fatal, não há dúvida, num país primitivo e de pequena tradição como o nosso. Pois é preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la. (...) É preciso começar esse trabalho de abasileiramento do Brasil, (...) você compreenderá a grandeza desse nacionalismo universalista que eu prego. De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas. (ANDRADE, S/D. p. 03)

Na terceira estrofe, o poeta conhecedor das diferenças constituintes do Brasil faz assim como “Macunaíma – o herói sem nenhum caráter, o herói da nossa gente”, um passeio pelo Brasil retratando metonimicamente a grande diversidade cultural e étnica existente nesse país, que através dessa mistura heterogênea vai se constituindo. Assim, fica difícil/ impossível? Definir uma identidade (um caráter) para esse povo mestiço, mulato, caboclo, cafuzo, enfim, esse povo constituído da/na diversidade. Nos dois últimos versos dessa estrofe o poeta brinca com essa problemática dizendo que somente assumindo o papel de tatu, escarafunchando a terra – buscando

as origens, é possível entender, mesmo que seja provisoriamente, o que nos constitui enquanto brasileiros.

Misturo tudo num saco,
Mas gaúcho maranhense
Que pára no Mato Grosso,
Bate este angu de caroço
Ver sopa de caruru;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatu!

Na quarta estrofe o estribilho “Eu sou um escritor difícil” é ironicamente retomado como que para retrucar essa afirmação feita por aqueles que não conseguem aprender a linguagem utilizada por esse escritor que diz através de antíteses: “Todo difícil é fácil, / Abasta a gente saber.” Para exemplificar o difícil/fácil o eu – lírico cita algumas palavras – “Bajé, pixé, chué, ôh ‘xavié’” - que de tão fáceis viraram fósseis (arcaicas, antepassadas, esquecidas, inutilizadas) e por isso difíceis. Sendo assim, para que essa escrita se torne fácil é necessário o trabalho de um arqueólogo/tatu que consiga escavar e trazer à tona os fósseis da linguagem difícil, esquecida e desaprendida. Só assim ela se tornará fácil – “Abasta a gente aprender”. Abasta desprimitivá-la.

Eu sou um escritor difícil,
Porém culpa de quem é!...
Todo difícil é fácil,
Abasta a gente saber.
Bajé, pixé, chué, ôh "xavié"
De tão fácil virou fóssil,
O difícil é aprender!

Na última estrofe, o poeta fala da “virtude” do intelectual/escritor/leitor, enfim, do colega seu que só consegue enxergar tudo o que está longe, ou enxergar tudo de longe. A partir dessa ambigüidade podemos fazer duas interpretações: uma primeira que esse outro escritor só consegue enxergar o estrangeiro e talvez por isso sintam-se um inadaptado em seu país. E uma segunda leitura seria a de que esse intelectual/escritor não olhe com proximidade (interesse) as questões constituintes de seu país, as problemáticas próprias de seu país, uma vez que só tem olhos para a Europa.

O eu – lírico do poema “Lundu do escritor difícil”, ironicamente, diz que não precisa ser índio “Não carece vestir tanga” para penetrar – entender seu português mal falado. “Pra penetrar meu caçanje!” No quinto verso dessa última estrofe, o poeta retoma a alusão direta a seu interlocutor questionando o saber deste que sabe o francês “singé” que sonoramente assemelha-se, rima com “caçanje – que é um português mal falado e mal escrito, mas não sabe o que é guariba. É em discurso direto que o poeta, demonstrando ter também o conhecimento da língua do estrangeiro, responde ao seu interlocutor o significado de guariba. “–Pois é macaco, seu mano,/ Que só sabe o que é da estranja.”

Nestes dois últimos versos, o poeta chama seu interlocutor de macaco porque este só conhece das coisas do estrangeiro. Voltemos mais uma vez à carta de Mário a Drummond, para exemplificarmos a crítica presente neste poema àqueles escritores que nada sabiam de seu país. (...) *contaminação dos costumes estrangeiros por causa da ingênita macaqueação que existe sempre nos seres primitivos (...).*

É interessante observarmos que o francês “singé” possui o significado de macaco, e no sentido figurado o significado de imitador e plagiador. Neste poema, temos a valorização das diferenças culturais e étnicas presentes no Brasil. O poema é um canto do Brasil “múltiplo, um canto da “diversidade cultural”, é também uma retomada do “nacional”, do “local” em contraponto ao importado, copiado, das metrópoles européias ou norte – americanas. Neste poema, temos a

proposta de uma reflexão crítica sobre a nossa produção literária, sobre a construção de nossa literatura, de nossa identidade, de nossa brasilidade.

Conclusão

Podemos concluir a abordagem feita em **Lundu do escritor difícil**, citando mais uma vez Mário de Andrade em sua carta a Drummond, quando diz:

É preciso começar esse trabalho de abasileiramento do Brasil, dizia eu noutra carta, a um rapaz de pernambuco. E agora reflita bem no que eu cantei no final do "Noturno" e você compreenderá a grandeza desse nacionalismo universalista que eu prego. De que maneira podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós fomos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará mais rica de mais uma raça, rica duma nova combinação de qualidades humanas. As raças são acordes musicais. Um é elegante, discreto, cético. Outro é lírico, sentimental, místico e desordenado. Outro é áspero, sensual, cheio de lambanças. Outro é tímido, humorista e hipócrita. Quando realizarmos o nosso acorde, então seremos usados na harmonia da civilização. (...) Nós, imitando ou repetindo a civilização francesa, ou a alemã, somos uns primitivos, porque estamos ainda na fase do mimetismo. Nossos ideais não podem ser os da França porque as nossas necessidades são inteiramente outras, nosso povo outro, nossa terra outra etc. Nós só seremos civilizados em relação às civilizações o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais. (ANDRADE, S/D. p. 03 e 04)

Em razão desse interesse de Mário pela cultura brasileira, pela busca de uma identidade que definisse o brasileiro, bem como na busca de sua própria identidade, o poeta muitas vezes era considerado um "nacionalista", ao que ele respondia que, apesar de sua orientação nacional, ele não era um "nacionalista" no sentido apologista da palavra, pois se considerava um cidadão do mundo, e se trabalhava a coisa brasileira, era pelo interesse humano que tal consideração continha em si.

Silviano Santiago (2006) em seu artigo **Suas cartas, nossas cartas**, faz uma reflexão sobre as principais questões envolvidas nas correspondências entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, evidenciando os projetos que se contrapunham em relação ao modo de ver o Brasil e o mundo, o nacional e o universal. Para ambos os poetas existia uma noção de sacrifício, excludentes, visto que Mário, segundo Santiago, *resgata a tradição brasileira no contexto universal*; enquanto Drummond *reafirma a tradição européia no Brasil e lastima o nada que pais e governantes ofertam aos espíritos fortes*. Assim, *o sacrifício para Mário, é múltiplo – rizoma que procura doar à árvore Brasil uma alma, que ela ainda não tem*. Já para Carlos Drummond, *o sacrifício será a amputação do que julga ser o melhor em si mesmo, suas leituras francesas*. É *marca de emprobrecimento da personalidade – resignação. Resignar-se ao nada*. (SANTIAGO, 2006. p. 73).

Marcos Antônio de Moraes (2003, p. 17) discute sobre o aspecto pedagógico e missionário da obra de Mário de Andrade revelando que um bom leitor, de **A escrava que não é Isaura** — uma das obras importantíssimas de Mário, ao lado do **Prefácio Interessantíssimo**, visto que são textos críticos que inauguram as reflexões do crítico acerca da arte brasileira —, deveria procurar nessa obra não um livro de receitas sobre os ideais modernizantes, mas sim: a enunciação da necessidade de **abrasileiramento do brasileiro**. Por isso, de acordo com Moraes,

Empregar expressão dúbia exigia de Mário o desvelo em destrinçar-lhe o significado, de forma didática, facilitando estrategicamente o aprendizado, de forma didática, facilitando estrategicamente o aprendizado. Abrasileirar o brasileiro

“não quer dizer regionalismo nem mesmo nacionalismo = o Brasil para os brasileiros”. Significava, na realidade, que o Brasil deveria encontrar meios culturais que o distinguíssem de outros povos. (MORAES, 2003. p.17).

Fechemos essa reflexão, assim como começamos, com poesia, duas estrofes do poema **O poeta come amendoim**, de Mário.

(...)

Brasil...

Mastigando na gostosura quente do amendoim...

Falado numa língua curumim

De palavras incertas num remelexo melado melancólico...

Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...

Molham meus beijos que dão beijos alastrados

E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...

Brasil amado não porque sejam minha pátria,

Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...

Brasil que eu amo porque é o ritmo no meu braço aventureiro,

O gosto dos meus descansos,

O balanço das minhas cantigas amores e danças.

Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,

Porque é o meu sentimento pachorrento,

Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

(...)

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, C. D. (Org.). **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade/Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ANDRADE, M. O movimento modernista. In.: **Aspectos da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Mário. **Carta endereçada a Drummond**. S/D. P. 01-05.
- ANDRADE, Mário. **Entrevistas e depoimentos**. São Paulo: T.A. Queiroz. Organização de Telê Porto Ancona Lopez. Ed. II, 1983.
- ANDRADE, Mário. **Poesias completas**. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2005.
- BANDEIRA, Manuel. **Seleção em Prosa e Verso**. Org. estudo e notas de Emanuel de Moraes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- CANDIDO, A. Lembrança de Mário de Andrade. In.: **Brigada ligeira e outros escritos**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 209-214.
- CANDIDO, Antonio. Mário de Andrade – Poesias – Livraria Martins Editora – São Paulo, 1941. In.: **REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS** – IEB. São Paulo. Nº 36, 1994. p. 135-139.
- LAFETÁ, J. L. M. **Figuração da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LOPEZ, T. A. **Mariodeandradiando**. São Paulo: HUCITEC, 1996
- MAJOR NETO, J. E. **A Lira paulistana de Mário de Andrade**: a insuficiência fatal do Outro. 2007. 275 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORAES, Marcos Antônio de. **“Abrasileirar o Brasil” (Arte e literatura na epistolografia de Mário de Andrade)**. CAHIERS DU MONDE HISPANIQUE ET LUSO-BRESILIEN. Caravelle nº 80: Toulouse, 2003.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e Crítica Genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.59, n. 1, jan./mar. 2007

SANTIAGO, Silviano. Suas Cartas, Nossas Cartas. In.: **Ora (direis) puxar conversa! Ensaaios Literários**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

¹ Professora Substituta do Núcleo de Literatura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e mestranda em Teoria Literária no Programa de Pós-Graduação em Letras- Curso de Mestrado em Teoria Literária, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob a Orientação do Professor Dr. Eduardo José Tollendal.